

ENTREVISTA: RUI MASSENA

Maestro e compositor

É um maestro que conserva, com o novo disco, *Ensemble* (a publicar amanhã), um objetivo primordial: a procura da felicidade. Nem sempre *allegro vivace*, mantém um compasso muito vivo – e simples – na sinfonia das palavras, evitando o discurso de câmara

“Quero que o meu disco seja um bom companheiro”

JOÃO GOVERN

Diz-se um compositor acabado de nascer, até por contraponto à experiência acumulada na direção de orquestras. Se, na música, privilegia a abstração, não se fica pelas meias-palavras. Nem pelas ideias minimalistas.

Lí, numa biografia do Leonard Bernstein, que o seu grande mestre, Koussevitzky, o preveniu de que, se continuasse a dispersar-se pela composição e pelo piano, nunca chegaria a ser um grande diretor de orquestra... Este aviso solene não se aplica ao Rui Massena?

Julgo que para o Bernstein, que era um génio, tornou-se possível ir atendendo às suas várias pulsões. Para nós, comuns mortais, é muito mais difícil... Acontece que eu não tenho pretensão de ser o maior da atualidade e que, acima disso, procuro a felicidade, ando atrás daquilo que me dá prazer e a que, em dado momento, me entrego por inteiro. Concretizando: cumpri uma fase de direção de orquestra até ao ano em que Guimarães foi capital europeia da Cultura [2012], agora estou inteiramente dedicado a um momento de composição. Se quiser, no limite, ando à procura das minhas próprias palavras...

Partimos do princípio, então, que este disco, *Ensemble*, que a 30 de abril, vai ser apresentado no Centro Cultural de Belém e no Porto a 2 de maio, na Casa da Música, acrescenta bastante o seu “vocabulário”...

Eu sei que corro o risco de não ser bem interpretado, mas já cheguei a pensar que os últimos 15 anos foram uma preparação, um aperfeiçoamento para chegar aqui... Escrever, tocar, dirigir uma orquestra... Enquanto dirigi, só, era o intérprete –

agora, sou o criador. E nem sequer me classifico como pianista porque, aqui, sou apenas a pessoa que interpreta as suas composições. “Pianistas” são alguns colegas que tenho e que são exímios... Eu prefiro ser avaliado pela composição.

Tranquilidade e envolvimento. Isso sugere que haverá composições suas passíveis de serem melhoradas por outros pianistas?

Não... porque eu busco sobretudo a simplicidade na minha música, durante o processo de composição. Se alguém disser que aquilo que fiz não é “complexo”, tomo isso como um elogio, foi para isso que trabalhei. Para tocar nas pessoas de uma forma simples e para lhes pacificar o espírito. Já bem basta a desordem em que anda o mundo... Uma das palavras-chave, no primeiro disco [*Solo*, de 2015] como neste (e nada implica que isso se repita no próximo...), tem sido “tranquilidade”. **Deixe-me voltar um pouco atrás: sente que este ciclo dedicado à composição implica, de alguma forma, que se enferruje ou perca a mão como diretor de orquestra?**

A direção de orquestra é feita não só pela música, mas pela tua maturidade pessoal, pela tua maturidade artística. Penso que o facto de eu “frequentar” várias áreas vai-me engrandecendo, fortalecendo, também enquanto artista. Vamos a um exemplo que defendo: os casos de alguém que só faça Mozart e de outro alguém que, fazendo Mozart, também aborde Schubert, Mahler ou Stravinsky. Penso que o segundo acabará por fazer um melhor Mozart, porque sabe qual é o lugar dele, por comparação, por

antagonismo... Tem outras referências. No meu caso, este ciclo, chamemos-lhe assim, está a dar-me mais bagagem para perceber o criador, o compositor. Toda a vida fui intérprete e agora, nessa condição, tenho mais conhecimentos, mais experiência para interpretar melhor. Note que não estou a comparar-me com os grandes compositores, não é nada disso. Mas se, aos 43 anos, posso atravessar todos estes “setores”, espero que isso me permita chegar aos 50 com uma perceção muito mais clara do que é essencial em cada um deles.

Por outras palavras, não deita fora, não desperdiça, antes vai aproveitando...

Exato – e nem que seja para, num dado momento, rejeitar. Outro exemplo: eu conheço jazz, eu gosto de improvisar. Mas há momentos em que ouço um músico a chegar-se ao jazz e posso, com conhecimento de causa, dizer-lhe que não, não quero assim, quero mais linear, mais rigoroso... Conhecer não implica aceitar tudo, aplicar tudo, mas escolher com critério.

“Intermediário” em espera. Ora bem, vamos à provocação: interpreta as suas composições ao piano e, obviamente, é o criador. Isso significa que se cansou de ser “intermediário” entre uma coisa e outra?

Sim... **Sim?! Estava à espera que dissesse que não...**

Repare: ser diretor de orquestra vai muito além da música e de dar o melhor pela música, é muito como gerir uma empresa. Ora os projetos têm um prazo de validade... Durante 15 anos, isso foi claro,

assumido, vivido intensamente. Agora, e durante não sei quanto tempo, tenho oportunidade de estar na música de uma outra forma – e felizmente, porque é este tempo que me permitirá, penso, voltar a ter a vontade e a força para regressar à direção de orquestra com o mesmo prazer que já tive... Sem esses pressupostos, a coisa torna-se inviável, porque o papel do maestro é sempre tirar o melhor dos outros. Isso requer energia, disponibilidade, sacrifício pessoal, e eu, admito, saí da experiência de Guimarães bastante “amassado”... Se gostar da imagem, senti que tinha de voltar a encher o frigorífico, que estava quase vazio... **Posso concluir que esta fase lhe permite uma maior dependência apenas de si próprio, e não tanto dos outros...**

Sim. Na direção de orquestra, é preciso motivar e encontrar uma versão comum. Isso depende da tua própria motivação, como é óbvio. Ora a vida das instituições artísticas em Portugal não é fácil, de nenhum ponto de vista... Isso poderá ter ajudado a que eu sentisse que tinha chegado a ocasião de me virar para mim – não é para dentro, atenção –, de me expressar e de “criar palavras”...

Vamos deixar descansar o diretor de orquestra com uma última questão: que fatores influam nas suas escolhas, quando tinha de elaborar os programas artísticos?

Desde logo, os músicos, a construção de orquestra, o público. Há um elemento, a que eu chamo “a higiene”, que tem que ver com a manutenção dos níveis técnicos e interpretativos dos músicos. Depois, há a procura de uma identidade para a orquestra, um repertório que permita esboçar um perfil, ou perto disso. Mas, se tocamos para o público, também temos de saber





PERFIL

Tem 43 anos
É licenciado em Direção de Orquestra
Entre 2000 e 2012, foi maestro titular e diretor artístico da Orquestra Clássica da Madeira. No âmbito de Guimarães, Capital Europeia da Cultura, em 2012, projetou e dirigiu a Fundação Orquestra Estúdio. Antes disso, já tinha sido o primeiro português a reger uma orquestra no Carnegie Hall. Gravou projetos "ecuménicos" com os grupos Da Weasel e Expensive Soul. Na RTP, concebeu e apresentou o programa *Música, Maestro!*, a que juntou outras presenças. *Ensemble* é, depois de *Solo*, o seu segundo disco com composições próprias.

como cativá-lo e não repeli-lo. Na Madeira, como em Guimarães, tive a preocupação em chamar gente até porque entendo que as instituições não podem existir só para nós e para os amigos... Isso implica muita atenção, implica a ausência de preconceitos...

Funcionar na fricção

No fundo, está a falar de um trabalho mais oculto...

Com certeza – e que nem sempre é valorizado. No meu caso, há quem me conheça apenas das fusões, com Expensive Soul e Da Weasel, e quem pense que eu apareci na televisão. Mas não: a esmagadora maioria do meu tempo de trabalho foi, semana a semana, dirigir novos programas, estudar continuamente, manter-me alerta face às sensibilidades com que ia lidando. Mais: essas fusões, como os trabalhos com o Mário Laginha e com o Wim Mertens, também foram uma estratégia de aproximar a orquestra das pessoas. Eu julgo ter tentado sempre funcionar na fricção entre servir aquilo de que o público já gostava, porque conhecia, e teimar em apresentar linguagens novas, peças e autores que alarguem o espetro de contactos com a música. Há um dever de aculturação, mas que não pode ser visto como automático: é preciso envolver quem ouve e está a descobrir... Isto não ignorando que um maestro é sempre criticado, como acontece com todos os que ocupem um lugar de hierarquia. Como é que reage e reage às críticas?

Em primeiro lugar, sinto que consigo seguir o meu caminho. Mas não nego: as críticas mexem conosco, é humano que assim seja. Com o tempo, aprendi a passar adiante perante as críticas que não partem de alguma objetividade, mas de um objetivo...

Vamos ao disco, *Ensemble*, que mostra desde logo uma novidade formal em relação ao anterior: a orquestra a servir de contradição ao piano. O que o levou a dar este passo?

Eu queria muito a envolvimento das cordas e a sustentação do som, que o piano não garante. Ou, se preferir, precisava – depois de um ano com o *Solo* – de pessoas juntamente comigo, a partilhar o palco. A música ficou com mais vida, parece-me... Fazia-me falta a dialética, os diálogos, que precisam de várias vozes. No fundo, acaba por ser uma renovação, quase um renascimento. Mais uma vez digo: eu procuro a felicidade e isso, comigo, implica respostas diferentes para momentos distintos. Este é um disco de autoconhecimento, muito espiritual...

Mais do que o *Solo*?

Mais uno. Quero que o meu disco seja um bom companheiro. Podes estar a estudar e a ouvir, podes estar a ler e a ouvir, podes estar a beber um copo e a ouvir, podes estar só a ouvi-lo...

O complicado é ser simples Já vimos atrás, mas volto ao tema: falar da acessibilidade da sua música é um elogio?

Sim, claro. Se eu não tivesse feito o percurso até à acessibilidade, isso ofender-me-ia. Mas fiz... Há um filme chamado *O Lado Selvagem*, do Sean Penn, que me ensinou isto: a felicidade só existe se for partilhada. E como eu não tenho vontade nenhuma de ficar na história como o grande compositor Rui Massena, aquilo que eu quero é simplicidade, que toque as pessoas, e viver feliz.

Concorda que é muito complicado ser simples?

Muito: Remeto-o para a *Estrada* [tema de apresentação do disco], que tem inspiração nas estradas de Sintra e naquela luz, única, esquisita, tantas vezes cortada pelas neblinas... Um dia, em que eu estava mais em baixo, a minha mãe trouxe-me um poema de Fernando Pessoa, que refere "a estrada antes da curva"... Ora uma das nossas angústias comuns é não conseguirmos ver além da curva, não sabemos o que nos espera. Afinal, é simples: há que aceitar a estrada como ela é, há que senti-la e aproveitá-la, sem estar a tentar contorná-la, antecipá-la, adivinhá-la – o que a torna muito mais complicada ou inacessível. Acontece que eu assisto a muita música extraordinária, cheia de vocabulário, no sentido em que os grandes compositores utilizaram e nos ensinam muitas "palavras". Gosto imenso de os visitar e de conhecer ou reconhecer aqueles léxicos imensos, mas, agora que estou a compor, eu quero utilizar as minhas palavras. Serão só cinco? Talvez... Nalguns casos, havia mais, mas eu fui cortando, por ficar com

a sensação de que algumas se repetiam, de que outras quase se anulavam. Eu, neste disco, guardei só as que considerava essenciais, por serem as minhas. Atenção: isto não quer dizer que, num próximo passo, eu não parta, até daqui, para fazer uma sinfonia. Mas eu acabei de nascer como compositor.

O que é que o inspira mais: olhar de outra forma as rotinas ou partir à procura de novos cenários?

Gosto de mudar de ambientes – e estive em Alfândega da Fé, agora em Sintra – na medida em que o dia-a-dia pode ser viciado pelos hábitos, mais previsível. Quando saís, se tiveres tempo, olhas para as coisas, e para ti, de outra forma, mais próxima, mais densa. Mais do que forçar algo, essa mudança deixa-te livre... E isso é fundamental para criar, pelo menos no meu caso. Nesse processo mais íntimo, onde é que se arruma o comunicador?

Nestes dois últimos anos, estive ausente, mas não em parte incerta... Estive concentrado na composição, em encontrar uma identidade, em reconhecer o que me agrada... Isso não impede que continue a gostar muito de comunicar, tento é separar isso do compositor para evitar confusões. Mas, no fundo, como comunicador e como conferencista, tentei sempre aplicar o meu objetivo de maestro: usando aquilo que vivi e aprendi, procurei tirar o melhor daqueles com quem me cruzei. Não me escondi, isso não. E, privilegiando a vibração da música, também me faz falta a palavra dita. Na música, resalta abstração. Mas o resto também me é fundamental...

“
Este é um disco de autoconhecimento, muito espiritual”

Como é que chegou a esta orquestra [a Czech National

Symphonic Orchestra], depois, se descobre ter andado a apoiar há anos o Ennio Morricone?

Já tinha gravado com eles antes, já tinha feito um concerto com eles em Praga. O estúdio é ótimo, de topo na Europa. A orquestra e os músicos são bons e eficazes. E os preços são competitivos, o que também conta... Um pormenor: neste disco, a única intervenção da voz humana – chamemos-lhe assim – surge através de umas gargalhadas infantis, em *Renascer*... São as gargalhadas dos meus filhos... Eu, através deles, renasci e renasço e inspiro-me. E aprendo. E gosto muito de tocar para eles até porque, mesmo sem letra, eles cantam as melodias. E isso deixa-me feliz, sabe?

Ensemble
Rui Massera
Universal Music
PVP: 15,9 euros

